

LOMA FILMES	JABUTIANA
--------------------	------------------

Entrevistado Depoimento: Antônio Carlos Viana	Cidade Aracaju	Estado SE	ÁUDIO: XX
EP () SP () SLP()	Direção		Time Code (X)Sim ()Não
Responsável Transcrição Fabio	Data de Transcrição 07/11/16		DAT ()Sim (X)Não

Arquivo: EB_AC_VIANA_ONLINE_0311

[Antônio]: 00'57" As lagartas nunca foram tantas como naquele ano, elas chegavam anunciando o verão. Diziam que quando eram muitas o verão seria muito quente e os caju mais doces. Eram lagartas de uma cor intensa, de um castanho que nunca vi, gordas, bem gordas e Laércio o filho de seu Laurentino caseiro de Tia Marluce as estourava com o pé, fazendo um plock que me incomodava. Tia Marluce com sua alma de santa não gostava de matar nada, ela contava que havia na Índia uma seita em que as pessoas não faziam mal nem às formigas, quando andavam pelas estradas iam varrendo o chão a sua frente com uma vassourinha para não pisar em nenhum inseto.

[Antônio]: 01'40" Ela não fazia isso porque não vivia na Índia, mas se vivesse acho que faria, ela dizia que lagarta também era vida, cobra também era vida e como vida deviam ser respeitadas, mesmo que dessem nojo e medo na gente.

[Antônio]: 01'59" Era um mistério, dia de parir cabrito éramos obrigados a ficar dentro de casa. Uma casa escura, sufocante, com cheiro de bosta de galinha e mijo de gato. As ninhadas de pinto eram criadas na cozinha, acordávamos com aquele piar sem fim e um mar de merda sobre os pés.

[Antônio]: 02'20" Fodas gostosas à noite, à tarde, a qualquer hora do dia, que alivio, ela conseguia pensar tranquilamente com as tais palavras sujas. Diziam que era assim, porque sem elas a vida a dois não se sustentava. Ela tinha medo não era de foder, tinha medo era de chupar o caralho de Duda até a ultima gota...

(A partir de 02:27, duas outras camadas de áudio se sobrepõe, mas não é possível identifica-las)

[Antônio]: 02'41" Eu sou Antônio Carlos de Mangueira Viana, mas para efeitos literários o meu nome é só Antônio Carlos Viana, nasci em Aracaju em 44 tenho 71 anos.

[Antônio]: 02'59" Oi Elza, de novo estou aqui, vim tomar café, cozinhou a macaxeira?

[Antônio]: 03'12" Eu sou muito introspectivo desde criança, desde o 5 anos de idade que eu me alcanço né? ou talvez um pouco antes, eu sempre fui muito sozinho.

[Antônio]: 03'24" Que eu dizia eu tenho medo de gente ai me escondia detrás da porta ou embaixo da cama quando chegava alguma visita, mas eu acho que para ser escritor você tem que ser introspectivo.

[Antônio]: 03'40" Elza trabalha comigo há mais de um ano, ela me pegou na pior fase da minha doença, quando eu estava prestes a morrer realmente, e é engraçado que hoje a gente conversa sobre isso e ela diz que quando se encontrou comigo ela achou que eu ia durar três dias somente.

[Elza]: 03'58" Quando eu vi ele, não, ai eu vou ficar só três dias só e pronto, graças a Deus eu estou com ele até hoje, sempre falo para ele que vai durar 10 anos e vou contar 10 anos com ele, se deus quiser.

[Antônio]: 04'11" Ela me deu dez anos de presente, ai meu médico achou pouco né? "Não, diga a ela que dê vinte".

[Antônio]: 04'19" Essa semana fui ao meu oncologista, ele fica admirado. Ele falou assim "olhe você entre na igreja aqui atrás e reze para algum santo porque alguma coisa assim aconteceu", que eu te falei ontem né? Posso falar assim, falei ontem do milagre né? Que realmente eu passei, eu mudei, minha visão da coisa, eu acho que não é só fisico não, o mundo né? Assim não é só o remédio é, eu acho tem que ter muita fé, sabe? Muita mesmo, eu tinha fé e vontade de que, de me recuperar, acho que se eu tivesse me entregue, sabe? Assim, tchum, quero morrer mesmo... Mas não sei, mas ai é onde entra o livro, o jeito de matar lagarto, o livro estava na editora sendo, já sendo feito, mas eu não tive acesso a ele que eu estava muito doente, aí quem fez a revisão foi o meu filho né? e mais ai eu falei até para um rapaz que estava lá na noite dormindo no quarto comigo lá no hospital, eu falei: "a única coisa que eu quero ver é ver meu livro pronto, se depois eu morrer tudo bem, mais eu quero ver o livro". Acho que isso aí, sabe? Me deu muita forca para viver, ai eu digo a literatura me salvou.

[Antônio]: 05'40" " Só espero que o garçom não se faça de engraçadinho, sei que ele vai se lembrar do sangue entre os meus dedos, mas basta dizer que devorei com gosto duas coxinhas e um guaraná para foder de vez com a minha vida."

[Antônio]: 05'51" Meu primeiro contato com a literatura, foi já ainda no primário mesmo, quando eu morava no sítio. A gente morava no sítio isolado do mundo, a minha vida rural moldou a minha maneira de escrever com, por causa do contato também com as pessoas, né, na oralidade. Sem essa vivência da Jabutiana, meus conto seriam... Ou não seria escritor ou seriam outros completamente diferentes, né?

[Antônio]: 06'22" Eu acho que foi uma sorte muito grande eu ter tido esse lugar aqui tão, cheiro de mato, cheiro de terra que até hoje me bate fundo.

[Antônio]: 06'35" Esse contato com a terra é muito importante, com esse cheiro aí do chão das folhas, qualquer lugar que eu vou do mundo né? que eu já viajei bastante se eu sentir cheiro de folha a primeira coisa que eu me lembro é do sítio, essas mangueiras tem mais, por incrível que pareça tem mais de cem anos, elas foram plantadas pelo meu avô.

[Antônio]: 06'58" Digo que a minha educação sentimental foi feita aqui, quer dizer, a gente aprendeu a amar os animais porque era com eles que a gente tinha uma relação afetiva muito grande. O mundo adulto na década de cinquenta, sessenta, era muito distanciado da criança. Não havia essa afetividade que há hoje, né, entre os pais e filhos. Quer dizer havia carinho por parte da mãe, por parte da minha tia, o pai não deu tempo, mas também ele não daria carinho que ele era uma pessoa muito seca, e foi com os animais que a gente aprendeu a amar.

[Antônio]: 07'32" O que me maltrata muito é ver que isso aqui era cheio de vida, né? Há muito tempo que eu não vinha aqui no sítio, que eu sempre recusei ver a ruína que tinha se tornado e realmente hoje eu vi que o negócio é muito forte, que me emociona profundamente. E que eu tenho que falar com muito cuidado, porque tudo aqui lembra dos meus seis até a idade adulta. Mesmo quando eu estava já casado em Aracaju com o meu filho a gente passava todos os domingos aqui no sítio. E era uma coisa sagrada mesmo, entende? Eu vinha para cá para respirar, pra ter a companhia de minha mãe que morava aqui, por mais tempo que passe da morte dela faz falta, até hoje né? Tanto ela quanto a minha tia.

[Antônio]: 08'19" Nos éramos pessoas é, vamos dizer assim de uma vida simples, não vou dizer que pobre porque a gente tinha o que comer e tinha o que vestir, mas com certo sacrifício. Mas aqui era muito cercado de gente pobre, e isso sempre me tocou muito, sabe? Sempre, sempre... Os miseráveis que vinham a cá pedir manga, né? E eu vou parar porque senão eu vou ficar emocionado, eu vou chorar. Nesse momento vou respirar fundo, não quero chorar agora, deixa eu chorar depois.

[Antônio]: 08'56" Quando a gente começa a escrever, a gente não sabe o que vai escrever, entende? Eu acho que nenhum autor é consciente daquilo que está colocando no papel. Há uma força muito, acho que muito grande mesmo no inconsciente que leva a gente a escrever determinadas coisas. E quando eu me dei conta que estava escrevendo mesmo... Que eu não tinha plano de ser escritor, eu não tinha esse projeto de vida, sabe? Até escrever o meu primeiro conto, por acaso, então aí eu vi que os pobres começaram a pulular, né, na minha, nos meus contos, aí as pessoas vinham pra cá justamente para pedir um prato de comida, pedir de fruta, ou encher um cesto de manga e levar para vender, e ter dinheiro. E eu gostava muito de ouvir, entendeu? Gostava muito de ouvir os que as pessoas tinham para contar e até hoje eu gosto, não é?

[Antônio]: 09'46" E aí então a gente vivia neste mundo ilhado realmente, sabe? A gente não sabia o que era cidade era que como se o mundo fossem não é essas cercas aqui que estão cercado este sítio, é aqui que foi o que eu digo, foi a minha infância, foi a infância dos meus irmãos, foi o lugar que deu a gente o sustento necessário para, para viver, era o nosso espaço, hoje eu posso falar o nosso espaço mítico mesmo.

[Antônio]: 10'18" Agora a especulação imobiliária está chegando até nos e provavelmente daqui há uns dez anos infelizmente essas mangueiras não vão estar mais aí, fica até difícil de falar, mais do que tanto saber que vai ser vendido e a gente vai perder este espaço, é doloroso.

[Antônio]: 10'54" Esta estação aqui que hoje está fechada, ela teve um papel diria assim trágico na vida da minha família. Foi por esse portão aqui né, e que é um fato difícil de falar, porque eu nunca falei isso, eu não esperava jamais também voltar a esse local, a esse lugar, foi por onde meu pai entrou em outubro de 1956 pela última vez.... que a gente o viu. Passaram-se duas semanas e nenhuma notícia veio do Rio dizendo que ele tinha chegado, aí minha mãe se inquietou muito, aí ficou nervosa, aí veio aqui saber, esse mesmo portão, né, que ela entrou e saiu viúva dele. Porque aí ela soube que ele tinha morrido num acidente de trem na cidade de Cachoeira é de São Felix na Bahia no Recôncavo Baiano se não me engano. Foi assim um divisor de águas na nossa vida porque a minha mãe teve que tomar o pulso da família, a gente teve que se virar.

[Antônio]: 12'03" Pela segunda vez eu vi o desespero nos olhos de meu pai, na primeira foi o tiro no peito de Getúlio, quando ele chegou a jogar o rádio no chão de tanta revolta, agora ali suspirava forte no ritmo diferente do normal. Só meu pai trazia o símbolo de quem voltava para casa depois de uma derrota..

(A partir de 12:17, duas outras camadas de áudio se sobrepõe, mas não é possível identifica-las)

Camada de áudio 02: Era fim de tarde, o tempo ameaçava desabar

Camada de áudio 03: Minha mãe já rezava para Santa Rita, a santa do momento. Antes de atravessarmos ela pediu para rezarmos pelo menos uma Ave Maria. Meu pai não disse nada, não acreditava em Deus.

[Antônio]: 12'59" Obrigado!

[Antônio]: 13'06" Nos meus contos também aparece muito a relação com o sagrado, sabe? Só que eu termino desconstruindo com o lado profano da vida né? Mais eu gosto muito de misturar as duas coisas, depois eu fui estudar no Salesiano e foi interessante, invés de aumentar a minha religiosidade o Salesiano fez com que ela diminuísse. Eu acho que o excesso de religiosidade que os padres botavam na cabeça da gente do temor de Deus, não é? Sabe, do pecado, isso fez que com tudo aquilo que minha vó tinha dado, sabe? Desaparecesse e realmente hoje eu não sou uma pessoa religiosa.

[Antônio]: 13'45" Essa igreja me fala muito porque quando eu vim do sitio pra cá eu fiquei muito angustiado, porque o ambiente era muito severo. Olhando para essa santa aí eu me lembro que eu rogava muito a ela que me protegesse e rezava muito para que tudo desse certo. Mesmo falando nesse momento eu sinto dentro de mim uma, uma pulsação diferente sabe? Porque nesses bancos aqui eu rezei muito, rezei tanto que hoje dia quase não rezo, passei a rezar mais depois da minha doença, né, quando a gente conhece realmente o perigo. Mas foi aqui que eu aprendi a rezar e a gostar realmente de igreja, porque é o ambiente que eu me recolho.

[Antônio]: 14'29" Quem leu meus contos percebe que há sempre um menino angustiado... É a típica criança que eu fui. No fundo a gente escreve como se fosse uma psicanálise, né? Só que não chega a curar. Mas pelo menos você toma a consciência dos problemas que você teve e tem né? Porque você pode viver setenta, oitenta, noventa, cem anos, eu acho que o lastro da infância e adolescência está formado e você não tem como mais fugir deles. Nos meus contos eu sempre coloco de um lado o lado profano e o lado religioso bem juntos, sabe? Eles caminham lado a lado porque como se diz existe uma santidade também no erotismo.

[Antônio]: 15'11" Valdir Renô tomou a frente e sintonizou um canal de música africana, ele e Cida começaram uma dança lenta e sinuosa, ai deu.

[Maruze]: 15'24" Quando eu leio os trabalhos, os textos de Manguiera, os contos, eu vou pelo meu prumo de que do ritmo, eu vou lendo como se tivesse escutando todo o barulho daquele silêncio das páginas, né?

[Antônio]: 15'42" Uhum...

[Maruze]: 15'42" É um barulho ali que vai acompanhando e eu percebo quando alguma coisa saiu do tom, aí é onde você vai para a linguagem né? Alguma coisa na linguagem interferiu no tom, ai eu até uso a expressão que a gente usa muito né? Olha arranhou...

[Antônio]: 15'57" É! **[Maruze]:** 15'57" Manguiera, eu li, o conto [esta perfeito, mas tem...

[Antônio]: 16'00" Uma coisinha que está pegando [

[Maruze]: 16'00" No segundo paragrafo tem, arranhou...

[Antônio]: 16'03" Parecia estado de meditação, como se tivesse uma profunda vida anterior, dele provinha o cheirinho bom de sabonete de criança misturado com erva.

[Maruze]: 16'12" Você pode perceber os contos de Manguiera tem esse ritmo, e não é o ritmo só na questão "ah o ritmo lírico, nem..." Não. O ritmo para todas as situações. Por exemplo a situação de grande pesar ou de agressividade...

[Antônio]: 16'25" Tristeza

[Maruze]: 16'25" Tristeza... Muda, o tom muda, você percebe, é tem o papado do que é forte, tem a suavidade, tem a sensualidade que o ritmo parece que fica sinuoso, as palavras ficam sinuosas... Quer dizer é um jogo.

[Antônio]: 16'39" Segurou então a mão do rapaz como se fosse de um antigo namorado, e dali em diante não respondeu mais por ela.

[Antônio]: 16'46" Terminou um conto eu passo, eu fico suando, suando frio, né? Dois, três, quatro, cinco um mês, não sei nem quanto tempo.

[Maruze]: 16'54" Um pequeno trecho do conto

[Antônio]: 16'57" É!

[Maruze]: 16'57" E sem falar nos finais né?

[Antônio]: 16'58" Uhum...

[Maruze]: 16'58" Porque ele tem verdadeira...

[Antônio]: 17'00" É, obsessão...

[Maruze]: 17'01" Obsessão pelo final.

[Marta]: 17'03" E esse perfeccionismo seu a gente estava falando agora que é uma coisa que talvez seja angustiante para o autor, mas para editor é uma maravilha porque já vem tudo muito pronto né?

[Antônio]: 17'15" Para eu dizer esse conto está ótimo, é difícil

[Marta]: 17'18" Perfeccionista até o último fio do cabelo né?

[Antônio]: 17'21" Até o último fio do cabelo, que já me levou a análise duas vezes, né, porque...

[Marta]: 17'26" Imagino

[Antônio]: 17'26" Eu fico

[Marta]: 17'28" Angustiado né? muito angustiado

[Antônio]: 17'26" Angustiado porque eu já quero começar o conto bem, toda vez que eu começo o conto parece que é o primeiro conto da minha vida

[Marta]: 17'37" É, sei...

[Antônio]: 17'37" Sabe?

[Marta]: 17'38" Sei...

[Antônio]: 17'03" É como o amor né?

[Marta]: 17'39" Risos... Você acha que depois da sua cura você ficou menos angustiado em relação a sua produção? [

Antônio]: 17'45" Fiquei, em relação a tudo

[Marta]: 17'47" Em relação a tudo, é o que estou sentindo, né?

[Antônio]: 17'50" Aquelas pulsações bem interiores freudianas estão lá esperando ser acordadas

[Marta] 17'54" Sei...

[Antônio]: 17'54" E aí eu senti já no primeiro livro tem uma coisa aqui querendo aparecer, sabe? De erotismo, de...

[Marta]: 18'04" Já tinha desde o começo, isso..

[Antônio]: 18'06" E eu barrava, né? Aí veio segundo já estava mais liberado, aí quando foi o terceiro aí eu vi que o negócio ia explodir não tive coragem de escrever, aí fui o para o analista por isso, sabe? Aí passei dois anos com ele.

[Marta]: 18'24" Lá em Aracaju, né?

[Antônio]: 18'24" Em Aracaju, foi... E aí eu fiquei sem vergonha. Risos... Aí deixei que tudo viesse a tona realmente, sabe? Hoje eu não barro nenhuma palavra, sabe? Eu tenho isso comigo.

[Antônio]: 18'42" Meus contos já foram taxados de pornográficos, né? Escrever contos eróticos sem querer fazer trocadilho mas é um prazer, sabe? E eu tenho vontade de publicar um livro só pornográfico é o meu sonho, sabe? E eu acho que vou conseguir.

[Antônio]: 19'12" Um escritor que já morreu, Caio Fernando Abreu, ele dizia que quando ele lia meus contos, ele dizia, parece que estava vendo o Nordeste pela claridade, sabe? Pela luminosidade, pelo sol, pelas paredes brancas né? Eu sou muito de captar o cheiro das coisas, seja por isso né, questão da ambientação, das frutas, esse, do clima, mas eu só coloco isso quando ter a ver com a personagem, então não é para fazer um pano de fundo não é a personagem tem que interagir com o próprio cenário.

[Antônio]: 19'51" Eu me relaciono de uma forma bem restrita, né? Porque Atalaia é um bairro que está em crescimento então eu fico mais por essa região mesmo. Nunca a gente arreda o pé daqui é difícil, eu só vou ao centro no último caso.

[Antônio]: 20'10" Um dia você acorda sozinho sem ninguém no mundo. O telefone não toca e o silêncio toma conta de tudo. Foi num dia assim que dona Eneide começou a se desesperar. Às vezes cantava só para sentir que ainda tinha voz. O marido morrera, os filhos se foram e de repente ela sozinha naquele casarão. Depois de muito pensar resolveu coloca-lo a venda, não para ir morar num apartamento, mas apenas para ter alguém batendo a sua porta, convidar para entrar, tomar um café, e entabular negociações em que ela não estaria nem um pouco interessada.

[Antônio]: 21'00" Isso é que bom!

[Antônio]: 21'02" Dizem que sergipano é muito trancado, e eu acho realmente muito trancado, né? A primeira vista, né? Mais depois não, porque disse que nós somos descendente muito de índio e índio é muito desconfiado.

[Antônio]: 21'14" E o mar realmente é um elo de contato com Aracaju, não sei se vocês percebem que eu não paro de olhar para o mar, é uma coisa assim constante o tempo todo. Eu estou aqui lendo eu olho para o mar, aí eu gosto de ver aquela faixa azul... Eu já acordo do meu quarto já vou para janela e ver como está o mar.

[Antônio]: 21'38" Dentro da minha vida cotidiana, escrever eu acho que é o momento mais intenso.

[Antônio]: 21'43" Eu vou comer fruta, eu gosto.

[Elza]: 21'46" Não vai comer essa aqui não ?

[Antônio]: 21'47" Vou, vou.

[Antônio]: 21'49" Não é tranquilo como você chegar aqui na mesa, pegar um pouquinho de cada comida e tranquilamente engolir né? Mastigar e engolir. Escrever exige uma... um desenrolar interior muito grande. De você pegar a história, mesmo as vezes eu aqui sentado na mesa comendo eu fico pensando nela... Você fica pensando nisso o tempo todo, você foga, esquece mas a história volta na sua cabeça.

[Antônio]: 22'17" A escrita ela é atormentadora. Ninguém vai dizer que escreve tranquilidade, sabe como quem bebe um copo d' água, não é isso não, as vezes deitado na cama ali eu fico pensando nas soluções.

[Antônio]: 22'35" Eu luto pela concisão, pelo realismo, sabe? Agora é um realismo que não, é um realismo trabalhado, entende? Quer dizer, eu não vou simplesmente contar um fato em si, eu vejo um fato na rua e vou contar esse fato e acabou, não é isso. Eu sempre quero pegar o conto, a história e transformar em algo que faça o leitor pensar.

[Antônio]: 23'01" Muitas vezes sinto profunda pena de mim, S chama isso de síndrome de Cristo. Ele disse que eu sou não a encarnação, mas a encarnação de Jesus. Mas tem também um lado grave porque de certa forma influencia, se não todos, muitos dos meus passos e eu teria medo que influenciasse a minha escrita também, o que inevitavelmente desaguaria em algo piegas. E eu digo isso porque a minha escrita já tem uma tendência natural a pieguice

[André]: 23'26" Isso é verdade!

[Antônio]: 23'28" É uma confissão mesmo, minha, sabe? Eu acho que durante muito tempo eu neguei a palavra amor na minha vida.

[André]: 23'33" Eita! Risos...

[Antônio]: 23'36" Ai é psicanálise pura **[André]:** 23'37" Ai é confissão, hein?

[Antônio]: 23'37" É, neguei a palavra.

[André]: 23'40" Esse tema ai é interessante de você nunca ter colocado amor na sua vida

[Antônio]: 23'43" Hum... [

André]: 23'43" E de eu não ter problema com a palavra amor

[Antônio]: 23'46" Hum... [

André]: 23'46" E eu já, a gente já conversou sobre isso, né? Quando você estava morrendo...

[Antônio]: 23'50" Hum...

[André]: 23'50" A gente conversou algumas coisas, né?

[Antônio]: 23'53" Foi? Eu não lembro nada daquele dia.

[André]: 23'55" Ah, a gente conversou

[Antônio]: 23'57" Eu não me lembro...

[André]: 23'57" Ou pelo menos eu, eu limpei muita coisa, varri muita coisa, que estava.. Que estava, ficava engasgada, que fica engasgada, né, na relação de todo pai e filho.

[Antônio]: 24'06" O final do seu livro é assim, do Doente né? Que eu acho fantástico. Não é porque é de André não: "Será que também da festa universal da morte da pernicioso febre que ao nosso redor inflama o céu desta noite chuvosa, surgirá um dia o amor?"

[André]: 24'25" Mas você sabe que essa última frase não é minha né?

[Antônio]: 24'27" Não é sua? É de quem?

[André]: 24'29" É a última frase da Montanha Mágica.

[Antônio]: 24'33" Mas é bonita, mas é não, ela é bonita!

[André]: 24'37" Mas ela está ai porque a epigrafe é da montanha mágica, qual é a epigrafe?

[Antônio]: 24'42" O amor é uma doença.

[André]: 24'43" Não, não...

[Antônio]: 24'45" O homem é essencialmente um enfermo.

[André]: 24'48" Então você vê que, a epigrafe fala de doença e a última frase que também é da montanha mágica, fala

[Antônio]: 24'56" Do amor.

[André]: 24'56" De amor, então

[Antônio]: 24'57" Fecha!

[André]: 24'57" O caminho é exatamente esse, e olhe como são as coisas Tonho, olha o que que sua vida, olhe o que que aconteceu na sua vida. Primeiro veio a doença e depois veio o amor, foi você que falou isso né? Agora?

[Antônio]: 25'10" Foi..Foi!

[André]: 25'12" Tai! Risos...

[Antônio]: 25'14" Então eu sou o seu livro, eu sou a epigrafe e o final.

[Antônio]: 25'21" "Basta gozar que se arrependa de que falaram e pensam logo na mulherzinha que tanto odeiam e que gostariam de encontrar morta em casa, um dia me apareceu um senhor de cabelos brancos, nunca o chamo de velhos..."